

A PRÁTICA NA ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA DE JEQUERI-MG PARA A FORMAÇÃO DOS JOVENS AGRICULTORES

Neli Aparecida de Carvalho ¹
Virginia de Lima Palhares ²

Resumo

O presente trabalho analisou aspectos que envolvem a educação dos jovens agricultores junto à Escola Família Agrícola de Jequeri (EFAJ) e as relações desse ensino com os saberes adquiridos em suas respectivas famílias e comunidade onde estão inseridos. A metodologia utilizada baseou-se em pesquisa bibliográfica, assim como realização de ferramenta participativa e em campo à EFAJ, e aplicação de entrevista semi-estruturada a duas famílias de alunos da escola. Os resultados apontaram que os alunos da EFAJ têm uma educação mais condizente com a realidade vivenciada por eles, em um contexto onde a produção agrícola da família está ligada com diversos saberes e práticas aplicados na produção agrícola. A união entre os saberes tradicionais oferecidos pela escola e os saberes herdados de modo intergeracional influenciam na produção agrícola e na permanência desses jovens agricultores no campo.

Palavras-chave: Práticas, Saberes, EFAJ

Introdução

A vida no espaço rural possui particularidades que perpassam por vários campos: cultural, social, econômico, político, educacional. O rural não é um espaço que pode ser definido por apenas um viés, o que torna este um espaço singular são suas interações. Seja a cultura própria do povo que vive no rural, a ligação com a terra, a identidade com o lugar, a relação social e com o trabalho, esse conjunto de características terá influência direta na visão de mundo do sujeito e como ele se apresenta a sociedade, com um perfil voltado para o individual ou coletivo.

Os saberes que o sujeito constrói, sejam eles na relação com a família, com a sociedade ou com a escola, irão interferir no seu modo de vida e, principalmente, nas práticas exercidas por ele. Assim, o inverso também ocorre, ou seja, as práticas executadas pelo sujeito contribuirão na construção dos saberes.

¹ Instituto de Geociências – IGC/ UFMG
neligeografia@gmail.com

² Instituto de Geociências – IGC/ UFMG
palhares.vi@gmail.com

Pensando na importância das práticas na construção dos saberes e vice-versa, a Escola Família Agrícola de Jequeri-MG (EFAJ) busca conciliar as duas formas para que o aluno construa o conhecimento e possa empregá-lo no seu cotidiano. A escola busca agir por meio de oficinas que, somadas aos saberes tradicionais dos alunos e às experiências vividas por eles, os façam perceber o rural como um espaço com muitas possibilidades de desenvolvimento. O ensino de novas técnicas por meio da EFAJ e o empenho dos jovens agricultores que frequentam a escola em reproduzir na propriedade da sua família o que foi apreendido na escola pode elevar a qualidade da produção e será refletido na vida do sujeito do campo.

O objetivo maior deste trabalho é buscar compreender a importância da educação e das práticas no cotidiano dos jovens agricultores. Pretende-se, ainda, verificar como os jovens vêm à educação que recebem na EFAJ.

A metodologia adotada para o desenvolvimento do trabalho consistiu da utilização da ferramenta participativa Rotina Diária ou Relógio de Atividades. Essa ferramenta permitiu verificar como é o cotidiano dos alunos em casa e na escola. Foram aplicados dois relógios: um relógio destinado às atividades realizadas na residência do aluno, e outro relógio para as atividades realizadas na escola.

A ida a campo consistiu de visitas realizadas à EFAJ e às propriedades de dois dos jovens agricultores que frequentam a instituição, o que possibilitou compreender a relação das práticas realizadas na escola e em casa, com a família.

Saberes e Práticas no Contexto da Educação no e do Campo

Tendo em vista a discussão da modernização da agricultura, Kolling, Nery e Molina (1999), discorrem sobre a necessidade de uma escola que contribua para a valorização do desenvolvimento da agricultura, buscando novos parâmetros como a produção sustentável. Ainda abordam a localização da escola, quando no urbano, que não garante assistência adequada para os alunos. Ou mesmo quando a instituição se encontra no rural, em sua maioria contam com um modelo pedagógico ultrapassado e o calendário escolar que não se adequa às necessidades do campo.

Os autores ainda abordam as questões que envolvem a produção no campo, ressaltando que neste recorte há uma ideia que o desenvolvimento consiste apenas no aumento da produção e modernização vista como a utilização de máquinas e insumos

químicos para o cultivo. Entretanto, passa despercebido como esse processo de “desenvolvimento” contribuiu para a expulsão de milhares de agricultores do campo. É nesse cenário que os referidos autores defendam a ideia de uma escola com propostas pedagógicas e cronogramas adequados às demandas assim como a realidade do jovem que vive no campo.

Um modelo de educação pensado para o jovem agricultor é fundamental, pois quando pensamos no sujeito do campo temos que levar em consideração as suas particularidades, como aborda KOLLING, CERIOLI e CALDART. (2002):

Os povos do campo têm uma raiz cultural própria, um jeito de viver e de trabalhar, distinta do mundo urbano, e que inclui diferentes maneiras de ver e de se relacionar com o tempo, o espaço, o meio ambiente, bem como viver e organizar a família, a comunidade, o trabalho e a educação. Nos processos que produzem sua existência vão também se produzindo como seres humanos. (KOLLING, CERIOLI e CALDART. 2002, p. 16)

Ainda dentro desse raciocínio, KOLLING, CERIOLI e CALDART (2002), atentam para a idéia de que as “crianças e jovens têm o direito de aprender da sabedoria dos seus antepassados e de produzir novos conhecimentos para permanecer no campo.” (KOLLING, CERIOLI e CALDART, 2002, p.17).

Com relação ao modelo adotado na Escola Família Agrícola (EFA), Pinho et al. (2010) abordam a “alternância” no processo educativo, o que permite aos jovens alternarem períodos de aprendizagem na instituição escolar e períodos de práticas onde eles desenvolvem o que aprenderam. Nesse modelo de processo de aprendizagem ainda há maior integração entre escola e família.

Quando se trata de discutir as relações do sujeito e como elas influenciam o seu modo de vida, Heredia (1979) aborda o tripé “trabalho, propriedade e família” no qual pode ser incorporado o “agir” no campo que envolve práticas que são passadas de pai para filho. A autora ainda aponta que para cada sujeito é denominada uma função, considerando o sexo e, principalmente, a idade.

Para Woortmann (1997), os saberes e as práticas passados dos pais para os filhos vão além do conhecimento técnico e envolvem a construção do sujeito e de seus valores. Os saberes adquiridos em uma educação formal seriam o complemento dos saberes adquiridos na educação proporcionada pelos pais. Como aborda Melo e Silva (2012), a educação deve

ocorrer “de forma que haja certa coerência entre todos os componentes deste processo, seja a escola, a família e a comunidade.” (MELO e SILVA, 2012, p.1).

A Vivência e a Prática na Construção do Conhecimento

Os jovens agricultores que vivem no município de Jequeri, localizado na Zona da Mata mineira e municípios vizinhos, que frequentam a EFAJ (figura 1) são filhos e/ou netos de agricultores. Como jovens que residem no campo ou possuem uma estreita relação com este, cabe à escola proporcionar uma educação que respeite essas singularidades.



(figura 1): Sede da Escola Família Agrícola de Jequeri- MG. Fonte: Neli Carvalho – 28/02/2015

Para tanto, a EFAJ busca realizar visitas às famílias e, por meio de informação dos alunos, procura verificar quais os trabalhos ou atividades estão sendo desenvolvidos na propriedade, para assim planejar as oficinas a serem realizadas, mantendo uma relação entre o trabalho executado nas propriedades e as práticas na escola.

A pesquisa de campo consistiu no acompanhamento de alguns trabalhos práticos na EFAJ. Foi possível estar presente em três oficinas realizadas com os alunos:

- *Manejo de galinheiro*

O galinheiro conta com estruturas simples e de fácil construção. Esse tipo de instalação normalmente é encontrada nas pequenas propriedades rurais e tem como

característica uma produção voltada, principalmente, para a subsistência. Na oficina observada, os principais objetivos são os cuidados com as aves, a construção de objetos e a limpeza e organização do espaço.

Os objetos que envolvem o manejo do galinheiro, como os ninhos (figura 2 e 3) e os cochos (figura 4) para tratamento das aves são fruto de oficinas realizadas com os alunos da EFAJ e têm como base objetos reciclados ou matéria-prima como a madeira, o bambu, a “taquara”³ e o cipó. Exemplos de objetos construídos com essas matérias-primas são os ninhos, onde existe uma estrutura de ferro, aproveitada de carteiras escolares antigas, presos aos balaios de bambu⁴.



Figura 2. Ninhos construídos com pedaços de madeira. Figura 3. Ninhos construídos com balaios e pés de carteiras velhas. Figura 4. Utensílios descartados para o lixo utilizado para condicionar água e alimentos para as galinhas. Fonte. Neli Carvalho – 28/02/2015

Além de ensinar a produzir os objetos são praticadas técnicas de manejo para melhorar a produção. Destacam-se fatores como iluminação, ventilação e até mesmo a arborização externa que influenciam diretamente na temperatura do ambiente evitando o stress das aves proporcionando um melhor desenvolvimento da produção.

Durante a realização dessa oficina (figura 5), coube aos alunos, sob orientação do monitor de Construções Rurais e Práticas Agrícolas, organizar os ninhos, retirar os ovos, colocar alimento para as galinhas, limpar o galinheiro e recolher os excrementos que deveriam ser estocados para a produção de esterco, que utilizado na horta da EFAJ.

³ A taquara é um tipo de bambu utilizado para a construção de balaios e outros objetos artesanais, esse tipo de material é mais fácil de ser moldado.

⁴ Balaio é um tipo de cesto de grande porte, feito de palha ou bambu, usado principalmente para armazenar, carregar ou transportar os mantimentos, ração para o gado, etc.



Figura 5. Preparação para a oficina no galinheiro. Neli Carvalho – 28/02/2015

No decorrer da oficina foi possível observar a interação dos alunos com o desenvolvimento da atividade. Os próprios alunos se organizaram no espaço do galinheiro para executar a tarefa. E em conversa com eles pode ser constatado que essa não é uma realidade apenas do período vivenciado na escola, mas, sim, uma rotina que faz parte das suas vivências na propriedade de suas respectivas famílias.

• *Preparação dos canteiros para inserção das sementes*

Nesta oficina o monitor fez uma introdução para expor a importância das hortaliças na alimentação do ser humano, principalmente quando estas são cultivadas sem a adição de adubos químicos. A atividade teve início pela orientação de como deve ser realizada a escolha do terreno para a construção dos canteiros para inserção das sementes. O local onde os canteiros seriam construídos possuía as condições adequadas para o desenvolvimento das sementes tais como incidência de luz do sol na maior parte do dia, água para irrigação, solo sem excesso de umidade e terreno plano possível para facilitar a construção do canteiro. O terreno selecionado (figura 6) já era utilizado para a implantação da horta. Por isso, o terreno da horta já estava cercado para impedir a entrada de animais domésticos que poderiam causar danos ao desenvolvimento das hortaliças e leguminosas.



Figura 6. Terreno escolhido para a implantação da horta. Fonte. Neli Carvalho – 28/02/2015

No manejo da horta foram utilizados objetos como pás, enxada, garfo e foice (figura 7). Para a irrigação, além do sistema de gotejamento (figura.8), contaram com regadores (figura. 9) para umedecer os canteiros e, assim, inserir as sementes.



Figura 7. Ferramentas utilizadas para o manejo da horta, pás e garfos. Figura 9. Regadores de plástico, o mais comum na irrigação de pequenas plantações. Fonte. Neli Carvalho – 28/02/2015



Figura 8. Sistema de gotejamento feito com canos e garrafas pet.
 Fonte. Neli Carvalho – 28/02/2015

Para a construção do canteiro algumas práticas da agroecologia foram utilizadas: a vegetação cortada permanecia no terreno entrar em decomposição e, assim, nutrir o solo. O esterco era composto de uma mistura de terra com estrume de gado. Essa mistura foi espalhada em retângulos de aproximadamente 1m (um metro) de largura por 2m (dois metros) de comprimento e 20 cm (vinte centímetros) de altura. Em seguida, os canteiros foram umedecidos e ficaram descansando por 4 (quatro) dias. Após esse período, as sementes e mudas foram semeadas e introduzidas nos canteiros.

Vinte dias após o acompanhamento da oficina na EFAJ, constatou-se que as sementes haviam nascido (figura 10) e as mudas plantadas já apresentavam novas folhas (figura11).



Figura 10. Sementes que geminaram em estágio para mudança de canteiro. Fonte. Neli Carvalho – 28/02/2015



Figura 11 . Mudas de jiló e mudas de taioba, plantadas e que se encontram em estágio de desenvolvimento.
 Fonte. Neli Carvalho – 28/02/2015

A produção da horta é totalmente voltada para o consumo dos alunos da EFAJ. Dentro do aspecto educacional, esse movimento de plantar e consumir é utilizado para a aprendizagem dos estudantes sobre o cultivo e o uso dos alimentos.

- Manejo da plantação de bananeiras

Essa oficina foi programada pelo monitor de Práticas Agrícolas e o professor de Ciências, visando à manutenção do bananal existente na EFAJ, pensando na plantação e manejo dos pés de bananas que os alunos poderiam ter em suas propriedades. O principal foco dessa oficina foi ensinar aos alunos a técnica de desfolha. Esta consiste em eliminar as folhas envelhecidas ou secas que já não exerciam nenhuma função positiva na vida da planta. A retirada dessas folhas contribuiu para o desenvolvimento da bananeira (figura 12) e, assim, melhorar a produção.



Figura 12. Bananeiras utilizadas para a prática da oficina de desfolha. Fonte. Neli Carvalho – 28/02/2015

Em outro momento foram verificadas as principais oficinas já ofertadas pela instituição aos alunos, bem como seu reflexo disso nos trabalhos realizados por esses jovens nas atividades nas propriedades em que residem.

Algumas das oficinas ofertadas pela EFAJ foram voltadas para a conservação de nascentes; construção de objetos que auxiliam nos trabalhos no campo, como balaios e ninhos para as galinhas; opções para a irrigação; manejo do terreno; organização e reaproveitamento do lixo; produção de mudas e plantio e cuidados com os animais.

O modelo de ensino, baseado na teoria da alternância, na qual o aluno deve permanecer um período em sua residência em na companhia da família e outro período interno na escola, só é possível devido à diferença entre o cronograma escolar e o cronograma tradicional. São duas semanas na EFAJ, cujas atividades são divididas em aulas com abordagem dos conteúdos tradicionais e práticas que são voltadas para a lida no campo.

O objetivo do cronograma da EFAJ é que o jovem agricultor tenha a oportunidade de exercer a teoria apreendida na EFAJ nas práticas diárias em sua residência. Pretende-se com junção da teoria e a prática fazer com que os jovens possam aplicar novos procedimentos agrícolas em suas propriedades, fazendo com que estas sejam mais produtivas. Esse modelo permite que o aluno possa intervir nas oficinas apresentando sugestões. Constatei que o funcionamento da escola, assim como a sua organização, se aproxima dos estabelecimentos rurais e do modo de vida no campo.

Em visitas realizadas à duas propriedades, com intuito de verificar como a família vê o modelo de educação que os filhos recebem na EFAJ, os pais sempre abordavam a importância das práticas realizadas nas oficinas promovidas pela instituição. E como essas permitem que os alunos aprendam novas técnicas sem que haja a exclusão do que lhes foi ensinado em casa. Foram citados exemplos como a preservação de nascentes e o uso da irrigação, vistos como de importante aplicação nas hortas e quintais.

A partir da execução da ferramenta Rotina Diária ou Relógio de Atividades, a qual consistiu na construção de dois relógios. Um para o período em que os jovens passam na escola e outro para o período em que estão com a família. Baseado na Pedagogia da Alternância de Paulo Freire, a aplicação dessa dinâmica permitiu encontrar aspectos semelhantes nos dois momentos. Somado a essa dinâmica as conversas com o educando também foram fundamentais para compreender como eles vêm a EFAJ, podendo constatar que eles aceitam bem o ensino que lhes é ofertado e preferem a rotina que envolve teorias e práticas, por meio das oficinas. Eles dizem que as oficinas são práticas e podem aprender mais sobre o trabalho no campo, e que são bem próximas do que já realizam na propriedade junto às suas famílias.

A educação oferecida pela EFAJ proporciona um ensino apoiado na construção do conhecimento através de novas técnicas a serem utilizadas no campo, sem, contudo, abandonar os saberes tradicionais. A mescla entre esses dois conceitos de conhecimento é que torna a EFAJ uma escola diferenciada.

Considerações Finais

A produção agrícola de uma família está relacionada a vários fatores como a nutrição do solo, o manejo das culturas, a época do plantio, os insumos utilizados. Ao integrarem a EFAJ, os jovens agricultores têm a oportunidade de unir os saberes tradicionais com os que são proporcionados pela escola, podendo aplicar esses conhecimentos na produção familiar. As técnicas apreendidas são empregadas para o aprimoramento de cultivos já implantados nas propriedades, como as lavouras de café e de frutíferas, principalmente. As técnicas auxiliam, ainda, as novas plantações, pois auxiliam na diversificação de culturas nas propriedades.

O jovem agricultor, por ter uma vivência no campo, com uma relação de trabalho e costumes diferentes aos jovens do urbano, tem a necessidade de uma escola construída e

pensada para ele e por ele. A EFAJ é uma escola que tenta receber o aluno do campo respeitando o seu modo de vida e os saberes que eles trazem consigo. A construção do conhecimento na instituição ocorre por meio da troca de experiência e pela prática. Os conhecimentos teóricos são somados aos conhecimentos prévios que os alunos trazem consigo, havendo uma troca entre professores e alunos.

É importante salientar o interesse dos jovens, alvos dessa pesquisa, pelo campo. Seja por influência da família ou por conquista da escola, os jovens agricultores que frequentam a EFAJ apontaram diversas vezes, no decorrer da pesquisa, a vontade de permanecer no campo, pelas técnicas apreendidas na escola. Essa constatação foi possível após perceber nas propriedades visitadas interferências realizadas pelos estudantes, características do que é ensinado nas oficinas práticas da EFAJ

Referências Bibliográficas

DRUMOND, Maria Auxiliadora. GIOVANETTI, Livia e GUIMARÃES. **Técnicas e Ferramentas Participativas para a Gestão de Unidades de Conservação. Programa Áreas Protegidas da Amazônia - ARPA e Cooperação Técnica Alemã - GTZ.** Brasília. 2009. 120 pag.

KOLLING, Edgar Jorge; NERY, Ir; MOLINA, Mônica Castagna (orgs). **Por Uma Educação Básica do Campo. Vol. 1 (Série Por Uma Educação Básica do Campo).** Brasília, DF: UNB, 1999.

KOLLING, Edgar Jorge; CERIOLI, Paulo Ricardo; CALDART, Roseli Salete (orgs). **Educação do Campo: identidade e políticas públicas. Vol. 4 (Série Por Uma Educação do Campo).** Brasília, DF: Incra;MDA, 2002.

MELO, Érica Ferreira Melo; SILVA, Lourdes Helena. **“O Trabalho Como Princípio Educativo Na Pedagogia Da Alternância: Análise Do Plano De Estudo.”**IV ENCONTRO EM EDUCAÇÃO AGRÍCOLA: I FÓRUM DE DEBATES SOBRE A PEDAGOGIA DA ALTERNÂNCIA. Rio de Janeiro, 7 a 11 de Maio de 2012.

PINHO, Larissa Assis et al. **Da Educação Rural à Educação do Campo. 1º. Vol. III. IV vols.** Belo Horizonte, MG: Escola Ativa/ EduCampo, 2010.
 WOORTMANN, Ellen F; WOORTMANN, Klaas. **O Trabalho da Terra: a lógica e a simbólica da lavoura camponesa.** Brasília: UNB, 1997.